

19 FEV 1997

O LIVRO DA PROFECIA

O senador José Sarney, quando presidente do Senado Federal, tomou a iniciativa de propor a representantes da *intelligentzia* brasileira que fizessem ensaios abrangendo aspectos variados de nosso País neste final de milênio. Denominou esse projeto de *O Livro da Profecia*. Propositadamente, escolheu o termo *profecia* porque ele remete para o Padre Antônio Vieira que nos legou textos instigantes como *Esperança de Portugal*, *Quinto Império do Mundo* e *História do Futuro*, este último sendo uma coletânea comentada das profecias em que ele acreditava.

No entanto, a palavra *profecia* possui, no que nos concerne, apenas valor metafórico. Os especialistas e estudiosos brasileiros construíram, a rigor, cenários para o Brasil no Terceiro Milênio que se avizinha. Tais cenários, que se fundam na análise do presente, fazem projeções para o futuro e tocam em aspectos que vão da história à economia, da política à literatura, das artes plásticas à geografia, da antropologia à filosofia, e assim por diante.

O objetivo maior d'*O Livro da Profecia* é não só pensar nosso País, descortinando-lhe as perspectivas de futuro, mas igualmente identificar as características essenciais de nosso povo, seu gênio e temperamento, suas potenciali-

dades culturais e, a partir daí, verificar qual a contribuição brasileira para a construção de um novo humanismo que o mundo atual está a reclamar, — humanismo que necessariamente deverá ser ecológico e esclarecido, de paz e reconciliação, de solidariedade fraterna, com o intuito de preservar-se a possibilidade de existência, no futuro, para a Terra enquanto morada provisória do homem.

A ciência faz progressos vertiginosos, sobretudo no domínio da engenharia genética, da inteligência artificial, da química fina e de novos materiais.

Vivemos hoje em um mundo de inegável progresso científico. Mas parecem-nos que a preocupação maior é de saber-se quais as conseqüências tecnológicas de tal progresso, sem no entanto procurar-se as suas repercussões de natureza filosófica.

Em um mundo ocidental racional ao extremo, o homem busca na biologia molecular, na física quântica e na astrofísica as respostas essenciais para suas indagações sobre a origem da vida e do universo, de onde viemos e para onde vamos, e qual o sentido da vida, já que as estrelas também fenecem e morrem.

A guerra fria cedeu lugar para as guerras regionais, sobretudo com características de conflitos religiosos, as "guerras santas". E um novo mapa está

sendo desenhado. As instituições, por outro lado, mais uma vez, dão prova de que se esclerosam e envelhecem. É certo que o cristianismo, que corresponde à nossa cultura e à nossa tradição, vive hoje, sobretudo na Europa, um certo declínio. Há que respeitar a autenticidade das outras tradições: judaísmo, islamismo, budismo, etc. Todas elas possuem uma parcela da verdade, daí o ecumenismo ser possível, ecumenismo que conduz as diferentes religiões rumo ao respeito mútuo e à convivência pacífica, embora haja algumas que enveredam pelo fundamentalismo sobretudo como forma de combater a modernidade. O diálogo não será fácil, mas será possível.

André Malraux profetizou que o século XXI será místico ou não existirá. Em um século das grandes auto-estradas da informação haverá lugar para os Joões da Cruz e as santas Terezas D'Ávila? Para os esotéricos de todos os matizes? Seremos peregrinos de quais novos caminhos? O neoliberalismo poderia gerar uma sociedade solidária? Que novas vias para nossas certezas e ilusões?

Nessa encruzilhada de inquietações e perplexidades, qual seria a contribuição brasileira? Temos algumas pistas que convêm aprofundar. O brasileiro é

efetivamente um povo cordial e caloroso, e isso não é mito nem mistificação. E é solidário. O brasileiro tem o prazer da festa, da praia e do botequim; ele é musical e é festivo. Tem alegria de viver. Não obstante, possui grande espírito de sacrifício e de tolerância. Todas essas características constituem o caráter de nosso povo, moldando sua especificidade. A contribuição brasileira para esse novo humanismo, em tempos de globalização e pós-comunismo, é enorme. E aqui nos ocorre a indagação de Jean-Marie Pelt em seu livro *Dieu de l'univers, science et foi*: "Sabemos ser os operários da última hora a quem tudo foi perdoado, inclusive seu atraso? Em vez e lugar de um mundo de competição sem compaixão nem misericórdia, duro e cruel para os fracos, sabemos enfim construir um mundo reconciliado e de convívio?"

Os ensaios publicados n'*O Livro da Profecia* são ousados e instigantes, provocadores e realistas. Mas também proféticos, com a mística da esperança de um Brasil melhor, de um mundo melhor. Provavelmente, essa coletânea encerre o último texto escrito por Darcy Ribeiro, sonhador e visionário por excelência, um profeta de nossos tempos.

PEDRO BRAGA